

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais

“ESTUDANTES DO MUNDO INTEIRO, UNI-VOS!”

Um “gedankenexperiment” em antropologia escolar.

Autor: Guilherme Augusto Ferreira Borges

Orientadora: Antonádia Monteiro Borges

Monografia de Conclusão do Curso de
Ciências Sociais com habilitação em
Antropologia.

Brasília

2014

“ESTUDANTES DO MUNDO INTEIRO, UNI-VOS!”

Um “gedankenexperiment” em antropologia escolar.

Monografia apresentada ao curso de Antropologia, do Instituto de Ciência Sociais da
Universidade de Brasília para obtenção de título de Bacharel.

Orientadora:

Prof^a. Dra. Antonádía Monteiro Borges

Examinador:

Prof. Fabrício Neves

Brasília

Dezembro de 2014

Este trabalho é dedicado a todos os estudantes, em especial aos
estudantes das escolas visitadas pela equipe do Pro-docência de
Sociologia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu “eu menino”, meu eu que frequentou os bancos escolares antes que se impusesse que “sentar para aprender” fosse algo natural e que vem constantemente me lembrando que na vida o melhor é aprender se movendo, fazendo e experimentando.

Revido bem minha trajetória acho que o maior ganho é descobrir que sem um pouco de ousadia nada pode acontecer! Agradeço também por me dar as condições de terminar essa monografia de uma maneira que me agrada.

Agradeço ao meu Guru, pois sem as horas diárias de meditação não teria conseguido sair do lugar em muitos dos problemas que atravessaram esse meu último semestre de curso, além de muito trabalho com chocolates, muita monografia pra escrever... muita monografia pra escrever e muitas resistências pra vencer.

Agradeço imensamente a minha orientadora Antonádia, a minha querida rainha de espadas* como foi percebida pela minha taróloga como: “aquela que desfaz as nuvens escuras que nublam os pensamentos e traz clareza” às escritas e à antropologia retirando dela todos os cacarecos e nos incentivando a dar passos em direção ao novo.

Agradeço a oportunidade de ter participado do grupo de pesquisa da Pro-docência, no qual pude estar em campo nas escolas, em especial ao meu querido amigo Bernardo com o qual estive em campo em diversos momentos, podendo observar e compartilhar nossas experiências sobre a escola e a pesquisa.

Neste sentido agradeço a toda a equipe do Pibic*, Antonádia, Sayonara, Samuel, Lygia, Tauvana, a Diva da Laura que sempre tinha as histórias mais loucas das escolas, a Gabriela que me convidou pro Pibic, a Fernanda, ao Bernardo, a querida amiga Vanessa, ao Bruno, a Nathália, a Sarah, a Ayla, Wevertton e a Carolina.

Agradeço a todas as escolas, alunos, Professores e os demais integrantes das mesmas que abriram para nós as portas das escolas e de seus corações.

Gostaria de agradecer aos meus pares gestantes, com os quais divido o meu tempo de monografar e onde busco inspiração e auxílio mútuo. Agradeço a todos vocês: Vanessa, Gustavo, Denise, Isabele, Stella, Hugo, Matheus, Stéfane, Edson, Nathan, Natália, Fabiola Gomes.

Agradeço a todos os meus amigos que me suportaram e apoiaram nesse processo de intensas transformações, em especial à Mônica, Santiago, o pessoal do processo Fischer-Hoffman, a Fabiane, que me ajudou com a formatação da monografia, as minhas duas

madrinhas. Ao Rubem Alves por ser tão inspirador e aos produtores e os 704 co-produtores do documentário “La Educación Prohibida”.

Ao José Jorge de Carvalho por ter me apresentado este documentário e ter proporcionado a melhor matéria, se não a mais inovadora das Ciências Sociais na UnB: “Artes e Ofícios dos Saberes tradicionais”.

Agradeço à minha *família*, por tudo que vivemos juntos, pelo amor na infância e à amiga Teresa por toda ajuda e aqui vai a lembrança da minha criança que um dia prometeu a ela seus devidos agradecimentos em um livro, ou pintura por todas as ajudas e amor que dela recebeu.

E também à amizade da professora Marcela pelas conversas e trocas frutíferas e ao professor Fabrício Neves por atender atenciosamente ao convite de participar da banca.

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

Rubem Alves

RESUMO

O presente trabalho se propõe a refletir sobre antropologia escolar em um campo que se deu de maneira coletiva em mais de 32 escolas do DF. Durante a pesquisa com adolescentes em escolas públicas, particulares, EJAs e militares, foram aplicados diversos instrumentos analíticos tais como grupos focais, entrevistas, observações participantes e questionários. Esta monografia também tem como intento explorar por meio da ficção e do romance outras alternativas e saídas antropológicas em meio ao status normativo vigente na academia e, com isso, abrir portas e novas possibilidades de criação de conhecimento.

Palavras-chaves: Antropologia Escolar. Juventude. Adolescência. Romance antropológico. Educação. Ficção.

SUMÁRIO

1. PRÓLOGO	9
2. Sobre a pesquisa	12
3. Três semestres de gestação	16
4. A superfície da escola.....	16
5. Passeando pela pesquisa	20
6. Uma História e um Flash Mob... ..	22
7. A greve dos alunos	28
8. EPÍLOGO: “Uma carta à minha monografia”	38
Bibliografia.....	39

1 PRÓLOGO

Era uma vez... Antropologia escolar

Eu caminho lentamente pelos pátios internos das escolas, e das temáticas que visualizei. Questões diversas por vezes me surgiram, como que sopradas aos ouvidos por seres invisíveis que agora tomam forma diante de mim.

Uma criança se apresenta saindo de nuvens compostas de pensamento e emoções, das quais eu nem mesmo me lembrava, mas que me afetavam por inteiro durante cada uma das observações ao me deparar com situações semelhantes as já vividas.

Esta criança vem e me conta sobre suas experiências escolares, sobre seus medos, suas paixões, sobre as pressões e as imaginações. Sobre os relacionamentos entre ela e os colegas, entre ela e seus pais, entre ela e seus professores e ainda me conta sobre outros atores do universo escolar como: o diretor, o faxineiro e o pessoal da cantina.

Conta-me sobre as repressões à sua criatividade, e também sobre os poucos momentos em que se permitiu escapar a esta trama e pôde fugir com grande prazer as regras, quando pôde com isso, sentir a vida que fluía de sua infância, as suas emoções e sua beleza, num grau profundo de satisfação ao mesmo tempo em que era circulada por todas aquelas prisões construídas ao seu redor para fazê-la retornar ao seu status de origem, à sua posição dentro do sistema.

Que o fazia retornar à sua condição de estudante, à sua condição de filho obediente, às categorias que o distinguiam dos outros alunos como: Nerd-Cdf, inteligente, quieto, pequeno, ágil, magro, artista.

Este ser nostálgico via com grande aflição certos temas e não cansava de me conduzir a sentimentos e a me induzir a certos posicionamentos internos e externos durante minhas idas a campo.

Olhando-o mais de perto percebo que ele é ligeiramente mais baixo do que seus colegas até o ensino médio (no mínimo uns 15 centímetros mais baixo que os outros alunos), um dado extremamente relevante nesta relação entre os alunos uma vez que exceto na queimada² era quase sempre o último a ser escolhido nos times esportivos, e um dos motivos pelos quais seus apelidos sempre ficaram no diminutivo, isto somado a outros fatores o tornou um forte candidato a piadas e jocosidades coletivas ou melhor dizendo bullying.

Em casa era muito exigido pela mãe, que praticamente sempre trabalhou nas escolas onde ele estudou, o que resultou numa pressão constante casa-escola no que se referia a ser

um aluno modelo para os outros. Ser um aluno estudioso, quieto, que tirasse sempre notas espetaculares e que se distinguisse.

Ser mediano era completamente inaceitável, como um bolsista poderia ser mediano? Como o filho da orientadora pernambucana que contribuía tão excepcionalmente para que os alunos sob sua orientação tivessem um bom desempenho escolar poderia ter uma prole que não fosse excepcional?

Esse era o karma iniciático da vida estudantil deste pequeno ser de emoções, que era compartilhado em certa medida por sua irmã mais nova, que embora partilhasse tantas semelhanças se manifestava de forma completamente oposta ao seu irmão e ainda, consolidava o clima de competição dentro de casa.

Minha criança emocional.

Aos poucos não consigo mais distinguir quem é a criança e quem sou eu. Mas afinal quem sou eu? Sou o pesquisador em vias de formação numa equipe de pesquisa da sociologia que estuda sobre escolas, com uma agência que é em grande parte restringida por uma linha de investigação já traçada e à qual me encontrei emaranhado e vinculado alguns meses após a pesquisa já estar em andamento? Nesse caso não seria eu um paraquedista nessa nova empreitada que é participar de uma pesquisa?

Seria eu o estudante de administração, que mudou de curso para antropologia, mas que faz também estudos na área de psicologia, Ou ainda o ex-orientando de uma professora de antropologia da Religião, que numa relação mútua de desagrado devido a óticas divergentes em relação ao tema de estudo, resolve migrar desta área, de volta para os estudos relacionados à educação? Ou sou ainda um ser excêntrico que mudou de nome para Govinda (significa aquele que dá prazer à vida) quando estive num retiro de silêncio em Rishikesk na Índia.

O ponto é que sem observar esses diversos personagens com os quais me identifico ora mais, ora menos, e que me dão um relativo senso de identidade é impossível iniciar um trabalho de monografia em antropologia onde pretendo de certa forma não só me distanciar, mas também perceber a minha aproximação com relação ao tema, e torná-la explícita.

Literatura. Romance. Prosa. Este é o meio que escolho para tratar de temas que surgiram para mim depois de uma reflexão póstuma de campo. É uma tentativa, antes de tudo, de continuar próximo aos meus interlocutores em campo e possibilitar um contato posterior de devolução da pesquisa às escolas em que estive.

Por interlocutores entendo os estudantes e os demais integrantes das escolas (professores, coordenadores, vigias, etc) o grupo de pesquisa ao qual estava associado que possuía duas coordenadoras, e alunos das ciências sociais (mestrado e graduação).

2 SOBRE A PESQUISA

Após a frustração com a minha primeira ideia de pesquisa, na qual eu pretendia desenvolver um trabalho dentro da antropologia da religião sobre o Centro de Cultura Cósmica, uma linhagem religiosa neo-hoasqueira, que fundia em si as duas principais correntes religiosas, o Santo Daime e a União do vegetal, surge a ideia de voltar a minha energia para a pesquisa que havia participado com a Antonádia e desenvolver o meu trabalho de monografia sobre contextos escolares tendo a mesma como orientadora.

Uni-me ao Gesta, o grupo de orientandos criado pela Antonádia, no qual estive durante mais ou menos um ano e meio, no qual me encontrei nesse processo gestativo que é monografar.

A associação a esse grupo tem um papel relevante, principalmente por retirar de “mim” aquela ideia de reclusão para escrever o “meu” trabalho, transformando o ato final de conclusão de curso num momento de integração com os meus pares acadêmicos (colegas e amigos) e tornando este momento um ato muito mais coletivo.

O campo que dá a base desse trabalho se deu em meio a um grupo de pesquisa que se dedicava a refletir sobre a Pro-docência de sociologia nas escolas de ensino médio do DF e que possuía um caráter bem definido sobre a sua finalidade por ser uma pesquisa patrocinada pela Capes.

Inicialmente pretendia abranger 12 regiões administrativas do DF. Em cada uma dessas regiões entraríamos em contato com 3 modalidades de instituições escolares: as instituições privadas, as públicas e o EJA (Ensino de Jovens e Adultos), contou também com a entrada em um colégio militar, e embora pretendesse também ter algum tipo de contato com as escolas prisionais, estas tinham um acesso muito mais difícil, não sendo possível a realização da pesquisa nesse contexto a não ser pela entrevista com uma professora que atuava nessa modalidade de ensino. Sendo a priori um campo que se daria em 36 escolas de ensino médio.

A preocupação central era sobre como eram dadas as aulas de sociologia no ensino médio, quem dava essas aulas, o que os alunos achavam dessas aulas e qual a importância dessas aulas e dos conteúdos que eram transmitidos.

Foram aplicados durante o campo os seguintes instrumentos de pesquisa: cadernos de campo, entrevistas aos professores, grupos focais com os alunos, e aplicação de questionários para professores e alunos. Por motivos de limites metodológicos dos outros instrumentos, me

inspiro principalmente através dos cadernos de campo como base para a criação do texto que segue e os demais instrumentos apenas como apoio e complementação.

Dentre as finalidades estava a preocupação de com a pesquisa poder fazer uma reformulação do curso superior de ciências sociais com habilitação em licenciatura de sociologia, e por ter esse perfil tinha certos limites metodológicos que não a deixavam transbordar em outras direções que se apresentavam em campo e que chamavam mais a minha atenção e de outros alunos-pesquisadores como: a sexualidade nas escolas, os espaços de convivência, as relações entre os estudantes e os docentes, etc.

A proposta do meu trabalho de monografia, portanto, tem menos a ver com a proposta da pesquisa realizada e muito mais com a parte que é esquecida pela mesma devido o seu caráter pré-definido de entregar resultados sobre a pro-docência de sociologia para a Capes.

A minha ideia é chamar atenção para o que ficou de lado nessa pesquisa: os aspectos mais emocionais, as vivências, as interações dentro das escolas, “o corpo e o sangue” que sobrepõe os ossos dessas estruturas escolares e poder fazer perguntas de uma maneira mais livre, menos densa.

Tenho como ponto de partida a relação dos alunos com o meio escolar, que sem dúvidas, foi o que chamou mais atenção no meio disso tudo. Como estes se relacionam e vivenciam o meio? como se relacionam com os professores? Para isso e por isso uso os diários de campos construídos de maneira coletiva com os outros pesquisadores e que possuem os dados mais qualitativos dessa pesquisa.

Concluindo este “prólogo”, deixei a explicação do nome que se dá ao invés da tradicional “introdução”. Tomei a decisão de escrever a minha monografia em forma de romance, de prosa, colocar o campo em forma de ficção e com esta postura tenho alguns objetivos:

Primeiro abandonar a estrutura rígida e formal que limita o pensamento e a elaboração de ideias por certas regras do que se deve e do que não se deve fazer num trabalho científico de antropologia, como por exemplo, para uma grande parte dos estudantes de antropologia, o temor de ter de citar constantemente os clássicos, ou ficar copiando e colando citações de autores, sem poder deixar livre o próprio pensamento para dizer o que pensa sobre o seu próprio contexto de pesquisa.

Ao dizer isso, no entanto, não estou descartando a possibilidade de citar o que mereça ser citado por me ajudar a pensar o meu contexto, como evidencia sempre aquela que orienta os gestantes sob sua guarda (gestantes são os orientandos que participam do grupo “Gesta” criado pela Antonádia), assim como também citar diálogos e outros meios não convencionais

de citação como citar o documentário: “La Educación Prohibida”, que muito contribuiu para desenvolvimento desta monografia.

Lanço mão da licença poética como recurso metodológico para poder citar sem precisar corresponder as regras tradicionalmente exigidas pela academia e nesse caso extrapolar as regras de citação. Com este intuito dou uma dica aos meus leitores, para que releiam com atenção os agradecimentos pois nele está um ou outro “pulo do gato” para decifrar esta ficção.

Outro ganho que pretendo ter com esta maneira lúdica de criar a monografia tem a ver com o prazer. O prazer de escrever de uma maneira própria sem tantas limitações e que pretenda agradar a quem leia ao invés de matar alguém de tédio, ou prender alguém numa cadeira horas a fio tentando entender palavras difíceis (desnecessárias) que poderiam ter sido ditas de forma clara e agradável.

O terceiro ganho é a aproximação do público que eu quero atingir com essa monografia. Durante o campo a possibilidade de uma devolução da pesquisa as escolas participantes foi vista não só como algo desejável, mas muito necessário. Em muitas escolas se ouviu o comentário de que as pesquisas que são feitas nunca dão um retorno, e que o pesquisador simplesmente “some” depois de cumprir com a pesquisa.

A maneira como escrevo, penso que seja atrativa aos alunos do ensino médio, meus principais interlocutores, que são o foco nesse trabalho e consequentemente os outros atores dessas escolas: professores, coordenadores, merendeiros, etc.

Considero fortemente a possibilidade de desenvolver esse trabalho também pela via oral, e apresentar palestras sobre esse trabalho nas escolas pelas quais passei e poder exercer algum tipo de mudança com isso. Ao menos no que diz respeito a grande queixa de não haver nunca nenhum retorno às escolas, depois de concluído o trabalho.

Ganho também a tranquilidade com relação à identidade das pessoas com as quais nos relacionamos nas escolas. Escrito sob a forma de ficção: os fatos, as histórias, as vivências reais servirão como base para uma tessitura do texto.

Tenho como hipótese que os eventos que apresentarei poderiam ocorrer e ocorrem com diversos outros alunos e em outros lugares, que podem já ter ocorrido comigo ou com quem está lendo agora está monografia, ou por quem ainda vai passar por um contexto escolar em Brasília.

Por fim sinto que ganharei o prazer de fazer algo em que eu acredito, mesmo que não agrade a todos. Espero conseguir realizar pelo menos um pouco desse sonhar antropológico que agora me proponho.

Seguindo então, que venha a prosa!

3 TRÊS SEMESTRES DE GESTAÇÃO

Visualize uma sala branca com lâmpadas fluorescentes. No Centro uma mesa retangular utilizada tanto para estudos quanto para cirurgias, algumas delas um pouco complicadas.

Hoje ao redor dessa mesa vários “gestantes”, seres literalmente grávidos, alguns com alguns meses de gravidez, outros que recém descobriram sua condição e que estão ali pela primeira vez.

Alguns em pleno trabalho de parto normal e fluindo, e outros como eu num trabalho de parto um pouco mais delicado, necessitando certas intervenções, pois caso atrase demais toda a gestação estará comprometida.

Sinta toda essa tensão no ar. Os seres que estão prestes a serem paridos querem dar voz a algo em particular. Cabelos, Instituições, Som e Espaço, Política, Crianças...sobre muito mais coisas eles querem falar. Alguns ainda estão sendo nutridos no ventre ou em pensamento, outros já dão os primeiros chutes ou os primeiros gritos de aparição.

Sentada na cabeceira da mesa retangular, da sala branca, cheia dos seres descritos anteriormente, uma exímia parteira/feiticeira, que ao fundo exhibe sua coleção de espadas, vai nos conduzindo a um trabalho.

Normalmente ela traz alguns textos sagrados que podem ajudar a iluminar certos aspectos inerentes a cada gravidez específica, certas vezes são os diálogos que se fazem presentes e por vezes nos induzem a transes, onde conseguimos compreender melhor o processo gestativo.

Hoje porém, um parto um pouco complicado é o motivo da reunião. Cheio de eventualidades e desafios no caminho.

Essa gestação fora com certeza marcada por encantamentos e desencantamentos, por barreiras e empecilhos, por frustrações, por esperanças que se vão e por outras que surgem.

Deito-me na mesa de reuniões e a Rainha de espadas, vem com vários bisturis. Quando o primeiro perfura a pele e a inércia se rompe, volto a me lembrar sobre o que este ser que venho gerando tem a dizer... uma frase vêm a minha cabeça e a vejo em cima de um portal pelo qual devo atravessar durante esse delírio que vivo no momento de parir.

“Ó vós que entraís, abandonais toda e qualquer esperança”.

A partir de agora não haveria mais volta...Ao atravessar este portal um pequeno ser me recebe e me leva pra uma Escola. Este ser não é outro se não o qual estou parindo.

4 A SUPERFÍCIE DA ESCOLA

Andamos por aqui e penso. Por quê? Por que isso tudo é assim? Vejo grades e muros por todas as partes, vigias que veem quem entra e quem sai, por onde se vai. Adentro mais o lugar onde estou. Sigo reto. Seguir reto, direto, organizado sempre foi o esperado e é o que se exige sempre aqui.

Por onde ando? Que lugar é esse? É só mais um lugar como os tantos outros pelos quais passei até chegar aqui? É comparável as minhas outras experiências? É um lugar ora de encontro, ora de separação. Para seguir direito, reto, preciso ir por vias que não são bem as quais eu pretendia seguir, melhor seria ir torto, do que ir por essas vias, mas o medo me impede. De onde vem o medo? De todo lugar.

Paredes. Concreto. Afeto? Em suma se pudesse traduzir sem sentimentos o que vejo diria: prédios, pavilhões, salas, cadeiras, umas mais bonitas e mais organizadas que outras, quase sempre dispostas em linhas retas, de vez em quando algo circular surge nessa disposição, mas só para quebrar a regra.

Banheiros... Uns sujos, outros limpos, me lembram das relações entre as pessoas deste lugar, mas aqui não há tempo pra emoções... Vejo quadras, refeitórios e pátios com pessoas que por ali transitam. Nem todos são iguais, existem divisões, não só do tipo de quem manda e de quem obedece, mas também de desiguais entre iguais e de iguais entre desiguais.

Alguém me para. Não há tempo pra pensar é hora de estar em outro lugar. Me dirijo à sala, tenho matérias para estudar, sinto sono, me distraio, não entendo o porquê de aprender isto. Em que me benefico? “Todos sabemos que é apenas estudar pro vestibular!” Se eu pudesse escolher... estudaria aquilo. Será que eu tenho alguma escolha?

Todos que me acompanham dentro desta sala precisam estar imóveis, sentados quase sem se mexer ou respirar, sem poder falar, e depois nos repreendem por estarmos dormindo, desconectados... Mas se olharmos bem não é a situação perfeita para dormir?

Estar imóvel, pouca respiração, pouca fala, pouca vida e muita morte.

O sinal toca, ou o tempo de confinamento acaba, dependendo das circunstâncias, ou apenas um se retira, aquele ou aquela que tem o poder institucional declarado, ou então todos saímos correndo como que recém-despertos da hipnose, atropelando uns aos outros, para fugir o mais rápido possível de lá.

Se ainda precisamos estar entre as grades deste lugar, pode ser que seja um momento livre durante o qual aproveitamos com uma sensação um pouco maior de liberdade em relação

ao ambiente anterior, embora ainda com muitas regras de comportamento, ordens e admoestações sobre como se deve estar neste lugar.

Se já podemos estar fora, levamos conosco parte daquele lugar impregnada em nossas roupas. Em nossas almas os grilhões mentais, que evidenciam o retorno no dia seguinte por não estarmos ainda de férias ou formados, mas não sei bem se nos livramos verdadeiramente um dia de todo o programa que foi instalado em nós.

Estando novamente dentro, percebo que o contato com os outros pares dentro da hierarquia desse contexto pode, por exemplo, ser algo perigoso alguns mais perigosos do que outros. Quando essa zona de contato (pele com pele) se extrapola, rapidamente alguém surge para controlar o episódio e separar os corpos que há poucos segundos estavam unidos e em alguns casos essa situação não termina apenas com uma separação e uma “leve” repressão, mas parte para outros lugares para uma repressão mais severa.

Tudo depende desse lugar e de quem, para sua sorte ou azar te flagrar, ou ainda de quem é flagrado e do tipo de contato. Conversas. Toques. Flertes e namoros. Brigas?

Bom também há quem mude tudo. Temos alguns colegas bem conhecidos que literalmente se rebelam contra esse jogo todo e fazem o que lhes dá na cabeça, sem se importar com as consequências.

Estes são vistos de modo muito negativo pelos que controlam esses espaços e até mesmo por outras pessoas de fora. Quanto mais foge ao padrão, mais mal visto é. Este que foge com mais facilidade que os outros às regras afronta o sistema como um todo, e não tem quem lhe escape.

Fará as piadas ditas “inconvenientes”, das quais alguns (ou muitos) riem, matará com mais regularidade os compromissos exigidos pelos outros, discutirá com as autoridades. Pode ser que seja sádico com todos que estejam no recinto, mas de mocinho ou de bandido todos ali têm um pouco. Essa é apenas uma das diversas máscaras possíveis de se vestir dentro da escola.

Dentro desse esboço, acredito piamente que você já se encontrou neste lugar, já viveu uma experiência particular por lá ou ainda viverá, quem sabe agora será a vez da sua prole estar e passar por onde todos da mesma idade devem passar, pois se não, sempre será visto como irregular.

Será que agora é o seu olhar que abate com rigidez de maneira semelhante à que você mesmo fora abatido? Pode ser que seu olhar seja mais suave ou agressivo, mas ainda é um olhar perturbador...

O que está certo? O que está errado? Existe alguém certo e alguém errado? Ou é apenas o lugar que está errado? O lugar realmente está errado? Ou será que está simplesmente largado, esquecido? Talvez deva ser mesmo a velha lamúria de quem está à sua frente. A culpa é sempre do estado! Ganha-se pouco, pouco reconhecimento, pouco dinheiro. Outro diz ainda que professor “tem que se mexer, pois se não, de fome, é perigoso morrer.”

Um pouco longe dessas grades, talvez bem distante em algum lugar se ouve falar sobre lá, que tudo está ruim, que nada presta. Que a escola cai aos pedaços ou que é modelo a se almejar. Muito se discute, e a culpa de um lugar para outro se joga como se aprendera naquelas velhas brincadeiras de roda*, onde todo mundo quer tirar o corpo fora. Ninguém quer se responsabilizar. Talvez a responsabilidade seja minha por aceitar esse modelo escolar, por não me rebelar, por não fazer a minha parte pra mudar. Talvez seja sua. Talvez a responsabilidade esteja em algum outro lugar.

Bom, em outro lugar, no entanto, também se diz da sua essencialidade, de que a educação é primordial. Mas onde está o espaço para pensar, para socializar de maneira plena e sem moldes previamente concebidos pela normose. Onde está a liberdade na escola? Um estudante que sofre. E do professor só se fala... mas há também aqueles que são estrelas. Qual é o papel o papel do professor?

Uma inundação interna brota dentro de mim e o mundo gira. Ouço vozes que me dizem que pensar-sentir-fazer são uma possível solução para o problema da educação, vejo um alquimista com seus cabelos brancos que diz que muito se tem a aprender com os povos tradicionais, com as suas artes, ofícios e saberes.

Ele me pega pela mão e fala sobre essa prepotência de um saber ocidental branco e centrado na cabeça que briga, oprime e abate as emoções, imobiliza o corpo e consequentemente outras possibilidades de aprendizado que por essas vias poderiam se dar. Não está permitido brincar! Sentir o corpo ou as emoções é algo muito perigoso pra esse modelo centrado na cabeça e no intelecto. A mente diz para o corpo: Silêncio! Não se mexa! Sente-se... Atenção. Por que você não aprende? E o corpo responde: porque não existe ação.

Por que a única maneira aceitável de aprender tem a ver com estar atento em um ponto entre os olhos e os ouvidos, revendo conhecimentos que vem apenas de um determinado ponto do mundo? e ainda mais conhecimento branco que declara que todos os outros estão errados ou em vias de aprender com ele o jeito certo...

5 PASSEANDO PELA PESQUISA

O ser que me puxou pelo portal me chama para observarmos o dia e o meio em que ele começou a ser gerado, e revivo as experiências que tivemos juntos durante o início de sua formação.

Vejo-me então um pouco mais jovem e em uma outra realidade, muito tempo fazia que eu não revisitava estas lembranças, não me lembrava muito bem de como caí de paraquedas na pesquisa do pro-docência.

Fui convidado para participar da seleção que estava acontecendo e inicialmente fiquei bem deslumbrado com a ideia de estar numa pesquisa e estar atingindo experiências importantes para a minha graduação. Cheguei cheio de energia para a pesquisa e fui conhecendo melhor as outras pessoas que estavam ali comigo.

Enfim tudo começa e termina com uma mesa. Esta também é uma sala quadrada e retangular, com luzes fluorescentes, a mesa não é branca e sim de uma madeira pesada e marrom, da qual nos momentos mais entediantes nos quais não podíamos dormir, eu me distraía retirando da mesa um finíssimo verniz que a recobria...

Líamos textos e mais textos, fazíamos o nossos deveres de casa, e chegávamos a pesquisa. Ali nos era solicitado dizer como fluíam as coisas e se estávamos cumprindo com os prazos das atividades solicitadas, em muitos momentos nos víamos e nos percebíamos a nós mesmos de uma maneira confusa, nossa posição era sempre dúbia!

A crise de identidade era algo sempre presente a mim e aos outros estudantes/pesquisadores. Em diversos momentos houve uma espécie de luta por uma posição melhor definida. Nas escolas nós nos víamos e éramos percebidos como ex-alunos desse sistema e prováveis professores.

Diversos eram os meios pelos quais tentávamos nos distanciar da categoria de alunos e também da categoria de professores.

Dentro do grupo de pesquisa éramos vistos como alunos de ciências sociais iniciando na vida acadêmica de fato e como tal, o paralelo hierárquico entre professor e aluno que se via no ensino básico se repetia e se demonstrava nesse esquema universitário.

Por um lado éramos os pesquisadores que iam a campo e que visitávamos as escolas, que interagíamos com as pessoas, mas por não conseguirmos dentro do contexto da pesquisa nos definirmos e nos empoderarmos como pesquisadores com todo o peso da palavra, muitas vezes nos consideramos limitados nos rumos da pesquisa e nos sentimos quase como simples coletores de dados.

Quando a professora universitária que dirigia a equipe de pesquisa fazia o seu check list, dos compromissos que nós alunos/pesquisadores tínhamos que entregar para a pesquisa, nesse momento se reafirmava aquele velho paradigma do aluno-professor do ensino básico, que na realidade permanece muito semelhante no ensino superior.

Em suma a relação de poder sentida por mim nesse momento me aproximava muito mais dos alunos do ensino médio do que qualquer outra categoria até porque eu mesmo já pertenci a esse lugar.

Saio dessa sala e vou dormir na casa do Bernardo.

“Estou muito tranquilo cursando a minha faculdade quando de repente encontram (não sei quem encontrou, mas alguém encontrou) um registro de que algo está errado no meu currículo escolar do ensino médio e que agora deverei voltar e completar matérias para poder continuar o meu curso superior...

Sinto-me intensamente abatido e frustrado, uma ansiedade me acomete de súbito. Volto à escola para aprender coisas que não serão úteis na minha área de formação e que apenas vão consumindo o meu tempo, a minha energia e as horas da minha vida... Sou forçado a enfrentar situações desagradáveis novamente, coisas que acontecem cotidianamente na escola...”

Enfim eu caí na real e percebi que isso já aconteceu, este tempo já passou e tudo que se perdeu se perdeu...afinal era só um sonho.

Me percebo agora cara a cara, com minha monografia ambulante e ela pede que eu me sente para me contar uma história.

6 UMA HISTÓRIA E UM FLASH MOB...

Vou para a escola um dia bem diferente ou um como outro qualquer, depende de você.

Adentro a escola, estou dentro dos muros e das grades, sigo pelo pátio, vejo pessoas indo em direção as salas de aula, outras paradas conversando nos corredores, cumprimento uma ou outra pessoa ligeiramente.

Passo por murais decorados com palavras de incentivo como: generosidade, amor, solidariedade, cidadania, gratidão, alegria, acolhimento e com trabalhos que revestem as paredes das escolas, entro na minha sala, sento numa cadeira até ser lembrado de que temos lugares marcados então me dirijo à esse lugar.

A primeira professora chega, e começa a escrever algo no quadro; alguns alunos se colocam a prestar atenção na aula, abrindo seus cadernos para copiar o que a professora está escrevendo. Copiar. Copiar. Copiar...

Outros conversam sobre o fim de semana e o que fizeram, sobre a semana de provas que está chegando, sobre os namoros. Alguns ainda estão aproveitando pra dormir mais um pouco por serem ainda sete e quinze da manhã...Eu estou também de cabeça baixa ouvindo alguma música no meu celular.

Bem de vez em quando eu não dou a mínima e pouco me importa se percebem ou não se estou de fones na aulas. Eu não sou exceção! É uma coisa muito comum de se ver, todo mundo dorme nas aulas ou está fazendo outras coisas. Um amigo meu me chama pois o diretor acaba de chegar pra avisar que novamente vamos ter um novo professor de sociologia.

Pelo menos uma notícia boa! Hoje na aula de sociologia não terei de ver aquela professora... ela era uma professora temporária que esteve aqui substituindo a professora mais legal da escola. Sério se você não conheceu a nossa antiga professora, você não sabe o que é ter uma aula de sociologia, você tem que conhecer ela.

Ela tinha controle da sala e todos gostavam dela, em outras palavras, nós aceitávamos a sua liderança! Ela dava aulas de uma forma inovadora e colocava muitas coisas no blog que criou, nos ensinava via twitter e ainda tinham os projetos! Simplesmente ela era a estrela da nossa escola que saiu para fazer um doutorado e agora temos de suportar essa nova professora que não sabe de nada.

Nós também nunca demos uma chance para ela até porque ninguém pode substituir a nossa antiga professora que quase sempre antes de começar as aulas apagava as luzes, e induzia um relaxamento pra começarmos mais tranquilos.

Lembro-me certa vez quando ela deu uma aula sobre cenas escolares e entramos no ponto da diversidade sexual.

Eu estava ali parado no lado direito da sala, naquela velha disposição quadrada, de fileiras retas e a professora veio entrando, apagou as luzes e tocou um sino, daí pediu que nós nos imaginássemos numa praia ensolarada. Com os pés descalços sobre as areias que delicadamente confortavam meus pés a cada passo que dava, os pássaros voavam ao meu lado e emitiam seu sonoros cantos de bom dia.

Eu podia sentir também a água cristalina que batia nos meus pés, me refrescando completamente. Sento-me na areia branca, quente e macia da praia e vejo aquele horizonte incrível. Medito mais alguns instantes e me sinto intensamente feliz pelo sol quente e brilhante que me preenche de energia.

Levanto-me, corro e pulo no mar. Nado e brinco um pouco. Eu que nasci no cerrado e nunca fui ao litoral, pude ali experimentar o que não vivi e assim viver o que não experimentei. Enxugo-me e de novo o sino nos chama de volta a sala de aula, nos lembrando de abrímos os olhos para aula que vai ter início agora.

Aos poucos as linhas retas e bem definidas imaginariamente pelas mesas-cadeiras da sala se moviam e formavam um círculo, as pessoas se organizavam naquele espaço e tudo estava pronto: alunos, professora e estagiário.

Previamente a professora havia passado um texto que ajudaria a embasar o debate e também havia nos solicitado que fizéssemos alguma pesquisa sobre o tema. Tudo já estava sendo planejado via Twitter, WhatsApp e Blog.

A professora traz então um ponto de partida e de repente estamos num debate sobre sexualidade onde muitos valores sociais estão envolvidos. Cada um tem uma opinião pessoal com base em suas próprias crenças e valores, mas também havia uma discussão desnaturalizando esses paradigmas.

Esse dia ficou bem marcado e logo depois de debates quentes, no final da aula os pneus dos carros da professora e de uma amiga (lésbica) foram furados por alguém mais conservador que não gostou muito dos posicionamentos delas.

Bem... mesmo com essa situação em que ela assumiu um partido e teve retaliação por parte de algum incomodado, 98% dos alunos segundo a impressão de uma colega de sala amavam a professora e os 2% restantes não eram nem contra e nem a favor. Após ela ter saído para o mestrado, já estávamos nos terceiro professor. Talvez esse tenha alguma chance de sucesso, pois ele é mais jovem como era a nossa antiga professora e deve possuir uma maneira de dar aula mais próxima da dela.

Volto das minhas lembranças e olho pela porta da sala. Vejo um colega no corredor ao lado do bebedouro que está um pouco frustrado pois ele é do grupo dos “bagunceiros” e a diretora simplesmente não dava atenção para o que ele estava reivindicando.

Ele acha que ela não o leva a sério devido ao seu comportamento em sala de aula. Ele é dos alunos do fundão, também curte música e participa do grêmio da escola e estava reivindicando sobre a rádio e sobre coisas que se poderiam fazer nela. As matérias não são tão interessantes pra ele como a música é.

Ao ver isso lembro de um episódio que uma amiga me contou sobre essa ideia de que os professores ou outros adultos da escola não nos ouvem, nos subestimam ou pior, como no caso dela.

Certo dia na escola em que ela estudava a professora passou cobrando dos alunos a xérox que ele havia pedido que eles tirassem. Muitos dos alunos não tinham condições de tirar as cópias e ela não aceitava esse motivo. Achava que era mais do que obrigação dos alunos que eles tirassem a xérox do texto que ela tinha mandado e naquele momento a atividade que ela iria realizar não tinha mais jeito de ser realizada.

Começou então a falar de um modo muito opressivo com todos e de repente começa a humilhar os alunos pelos nomes dizendo: “Você aí do fundo não quer saber de nada e já é traficante e aquele ali também! Vocês três não têm educação nenhuma! Só você aqui da frente que é esforçada”.

No fim das contas um aluno fez uma denúncia pra secretaria de educação e eles chegaram lá na escola pra ver o que estava acontecendo...

Com certeza o constrangimento e a vergonha que aquele episódio gerou pra essa minha amiga e os colegas dela ficará marcada nas lembrança. Isso é o que chamamos de uma professora babaca, por falar nisso eu sinto até vergonha alheia por ela ser professora.

O “professor babaca” de uma maneira geral sempre acha que sabe mais do que qualquer aluno e até mais do que outros professores, ele se coloca num pedestal, ele manda e todos têm que obedecer, ele pode ser grosso, estúpido, te tratar mal e ainda te ignorar completamente. Se você faz algo do seu jeito está errado, outros pontos de vista que não sejam os deles sempre estão errados.

Tem muitos professores que são meio babacas, tem outros que colocam a própria religião na frente da matéria que ensinam, se a aula é de sociologia ou de filosofia com certeza quando se chega num assunto sobre aborto, a religião dele quase sempre fala mais alto do que a disciplina que ele está ensinando e com isso ao invés de problematizar a questão e

colocar os diversos pontos de vistas sobre o tema, se coloca aquela verdade imutável da sua própria religião como a certa.

A disciplina de sociologia como eu e os meus colegas conhecemos com a nossa primeira professora tem um compromisso de ensinar a questionar a própria realidade e desnaturalizar aquilo que é visto de maneira naturalizada como o certo e estático. A sociologia teria o papel de ensinar a se relacionar com o mundo e de construir um certo senso crítico com relação as coisas, um desenvolvimento da consciência.

Uma vez troquei uma mensagem com o Fernando Seffner pelo Twitter que me ajudou a pensar sobre essa questão da invasão dos espaços públicos como a escola por outras esferas, segue um trecho do que ele me disse em nossas conversas:

– Muito se cobra da escola quanto a uma adequada condução das questões de gênero e sexualidade, mas em outros fóruns (família, religião, televisão, partidos políticos, poder judiciário etc.) esses temas são tratados segundo outros critérios, o que por vezes coloca professores em uma difícil situação.

– É bastante frequente que líderes políticos, religiosos, comunidades inteiras, cobrem da escola e dos professores modos “adequados” de lidar com temas de gênero e sexualidade.

– Mas é também bastante frequente que essas instituições queiram forçar a escola na direção de princípios morais muito particulares, pouco preocupados com as especificidades dos procedimentos pedagógicos escolares e da educação em espaços públicos.

Deixando de lado esses assuntos pesados temos alguns professores que são de boa... que nós podemos fazer o que quisermos com eles.

Tem um professor em especial que os meus amigos ficam “zoando”, fazendo uma brincadeira com ele, dizendo que ele é muito velho! Que ele já estava aqui antes de Brasília ser construída e que se duvidar já deu aula pros pais dos nossos pais de “tão, tão velho que ele é”, perguntavam pros professores mais novos se eles já tinham sido alunos dele ou simplesmente falavam que ele era muitooooooooo velho. Eu não participo tão ativamente dessa brincadeira, embora ria junto com todo mundo.

Todos nós podemos fazer o que der na cabeça na aula dele porque é de boa, quando ele pede atenção nunca consegue rapidamente, mas até que nós gostamos dele. Ele não é um professor tão chato como os outros mas tem um hábito chato de cobrar tudo igualzinho como estava escrito, se você disser com as suas palavras ele não aceita, tem que ser igual ao jeito que estava escrito no livro ou no quadro. Ou seja, sem espaço pra pensar.

E ai tem os professores meio robotizados que não deixam, como ele, você responder as coisas da sua própria maneira e ai você precisa ser um robô. Um desses professores robôs nem precisa levar anotações pois as aulas que ele dá já estão tão mecanicamente gravadas que ele sai escrevendo aquilo no quadro negro, e a aula é só uma coisa mecânica, sem conexões muito profundas, sem muito interesse, sem vida.

Tem os professores que vivem de atestado. Uma delas dá aula na escola há mais de 20 e poucos anos e certa vez a ouvi dizendo que já estava muito cansada e que não via a hora de se aposentar, já havia tirado licenças médicas e estava esperando uma outra sair, porque estava muito estressada com a escola.

Afinal a carga horária é muito alta pros professores também. Como é possível que a carga horária do ensino básico e médio sejam tão altas e nós saímos de lá sem ter nas mãos nada mais do que um diploma que só serve como passaporte para outros degraus acadêmicos?

Tem professor que acha que bom aluno é aquele que estuda muito como essa que comentou outro dia do terceiro ano pra gente! “Esse terceiro ano é uma das melhores turmas que a escola já teve. Desde o primeiro ano que eles vem estudando muito, focados em fazer o vestibular da UnB.”

E tem professora que só passa filme, não que passar filme seja ruim, como, uma vez uma dessas colocou o filme dublado e todo mundo reclamou, e ela não queria por legendado porque dizia que ninguém ia entender nada, e a gente teve que discutir com ela em sala de aula, ela estava subestimando a gente assim...na cara dura.

Mas por que mesmo que eu estava pensando sobre esses professores agora? bom não sei... mas é fato que eles são muito diferentes entre si e quanto mais gostamos de um professor, mais gostamos da matéria e mais nos envolvemos. Ahh tá! Lembrei. Isso tudo por conta da minha professora de sociologia... “Ela é linda e eu amo ela!”.

Volto a olhar pelo corredor e uns amigos meus passam correndo. Um menino perseguindo uma menina brincando... bem coisa de namorado! Vira e mexe isso acontece e me lembro de outro dia na aula quando um casal de namorados que tem aqui na escola que estavam se beijando bem durante a aula, o garoto estava sentado junto com a menina no mesmo banco e quando a professora viu eles se beijando fez uma cara indescritível, tipo pânico como se ela nunca tivesse visto um beijo na vida... foi muito engraçado o espanto dela...

Embora aconteçam guerrinhas de mexerica na sala de aula, de vez em quando, no intervalo é onde podemos estar mais livres para nos relacionarmos e nos manifestarmos, mesmo que na escola seja proibido namorar, burlar essa regra é algo quase que cotidiano de

uma forma ou de outra...O intervalo é o espaço onde podemos nos relacionar uns com os outros, porém esse mesmo intervalo só dura entre 20 e 40 minutos ao passo que muitas vezes passamos mais de 5 horas na escola.

Bom, mas daqui a pouco uma coisa vai acontecer e reverter esse problema pelo menos no que diz respeito a nossa expressão, a nossa voz.

7 A GREVE DOS ALUNOS

Bate o sinal do intervalo e aos poucos os estudantes vão saindo de suas salas, estou ali parado a observá-los.

Tem pouco mais de um ano que estou aqui nesta escola como professor e pude notar um pouco do desagrado deles com relação as aulas, com relação a outros professores.

Um aluno certa vez me disse que gosta de vir pra escola. Só não gosta de assistir as aulas. O outro lado da escola como um espaço de convivência e de interação se apresentou nesse discurso. E de longe eu já suspeitava de um sentimento generalizado de desagrado e oposição a certas regras da escola.

Nem todos se submetiam tão facilmente ao sistema escolar que era proposto, porém também posso observar que as divisões entre os alunos superavam a dualidade “conformidade” versus “resistência”, elaborada por Paul Willis e que eu tomava conhecimento quando folheava seu livro na faculdade. Logicamente que o fato de as mulheres não entrarem em seu estudo e o seu interesse em fazer um recorte muito específico dos estudantes masculinos e brancos da classe operária inglesa facilitava essa generalização em duas polaridades.

Esconde-se portanto em seu recorte as tribos existentes nas escolas, as questões de gênero, étnicas, estéticas e o interesse individual que geraria uma outra série de oposições como as questões das minorias que existem na escola. A necessidade do sentimento de pertencimento é algo importante para os alunos, principalmente nessa fase escolar.

No tempos atuais talvez seja uma experiência mais divertida usar aquela noção de tipo ideais de Weber para descrever o corpo discente e se fizéssemos este exercício, teríamos algumas das composições escolares apresentadas nos filmes “Anjos da Lei”, “Meninas Malvadas” ou ainda o seriado “Glee”, “tipos” bastante elucidativos em uma escola apenas de ensino médio: isto é, com primeiro, segundo e terceiro ano.

Eu poderia ter mais tempo para falar um pouco sobre esses subgrupos estudantis, porém um burburinho me impede de raciocinar deliberadamente sobre isso. Meu cérebro parece não acompanhar ou assimilar o que os meus olhos e ouvidos estão percebendo e transmitindo pra ele através dos impulsos nervosos inerentes ao processo biológico.

Os estudantes continuavam a sair de suas salas, porém não seguiam os fluxos normais de um dia cotidiano na escola, assim que todos estavam fora de suas salas todos os alunos do segundo ano se encarregaram de fazer barricadas com as carteiras para que não mais houvessem possibilidades de entrar em sala de aula, alguns dos alunos de terceiro ano,

especificamente aqueles tipos mais robustos que já frequentavam a academia e com seus quase dois metros de altura, traziam todos os bedéis algemados e os colocaram próximos ao centro do semicírculo que se formava.

Para fins de ambientação imagine a escola com um conjunto de quatro pavilhões, estes pavilhões são dispostos de maneira que correspondem aos quatro lados de um imenso quadrado. O seu centro é uma verdadeira área de convivência.

Cada pavilhão tinha uma função, 3 eram estudantis e abrigavam as salas dos estudantes do primeiro, segundo e terceiro ano, sendo cada pavilhão com salas de apenas uma série, o quarto pavilhão era administrativo/funcional, onde havia tanto o refeitório quanto a sala dos professores, biblioteca, sala de informática, etc.

Quando tudo se assentou, o que víamos era uma massa de estudantes que contornava os 3 lados do imenso quadrado que era o centro de convivência, um pequeno grupo mais à frente no centro, juntamente com os bedéis amarrados e do lado oposto cerca de 40 pessoas do grupo de professores, coordenadores, etc.

Por uma porta deu pra ver ainda quando uma das merendeiras saiu correndo pra tentar fugir daquela pequena revolução que se instaurava na escola.

Do andar de cima dois estudantes desembrulhavam uma imensa faixa vermelha que dizia: “Estudantes do mundo inteiro: Uni-vos”. Sincronizadamente no centro se acendeu uma pequena fogueira dentro de uma latão de lixo de metal.

Os estudantes agora cantavam como seu hino “another brick in the wall” do grupo Pink Floyd: “We Don’t need no education. We don’t need no thought control, no dark sarcasm in the classroom... Hey! Teachers leave them kids alone! All in all it’s just another brick in the wall. All in all you’re just another brick in the wall”.

Um estudante se preparou, subiu em seu palanque improvisado: a mesa que fora em algum momento usurpada da sala do diretor. Com um megafone começou a proclamar o seu discurso, exaltado e os demais fizeram silêncio instantaneamente.

– Bom, hoje camaradas, conquistamos a nossa primeira vitória, nos unimos e tomamos a escola, agora poderemos falar aos professores tudo aquilo que precisamos expressar e colocar pra fora.

Uma ligeira pausa dramática.

– Então hoje as nossas vozes serão ouvidas e eles, isso mesmo todos aquele que estão ali à nossa frente terão de nos ouvir e responder às nossas perguntas.

Um calafrio perpassou o meu corpo. O que eu teria para ouvir? um dos professores mais velhos sentou-se no chão, estupefato com aquela situação. Eu daria uma moeda para

saber o que se passava em sua mente. Os outros professores cada um a seu modo reagia perante aquela situação, uns suavam frio, porém com exceção do professor que se sentara, todos ali permaneceram em pé, com os ouvidos bem atentos a tudo o que era dito.

O jovem que assumira o papel de porta-voz dos alunos prosseguia firme:

– Bom, agora é a nossa vez de ditarmos as regras, e para abrir os nossos discursos a Samantha virá até aqui e lerá a carta que representa não só o Pablo (enquanto aponta um garoto do segundo ano do seu situado um pouco afastado no meio da multidão), não só a Júlia (apontando uma menina em outra direção), mas que representa a todos nós.

O jovem então desce de seu palanque e ajuda sua companheira de luta a subir na mesa do diretor. Ela dá uma leve sacudida de ombros, ajeita atrás das orelhas os cabelos que lhe caíam ao rosto e com o megafone na mão continua com aquele disparate... quer dizer discurso:

– Isto é algo que meus companheiros escreveram para ler no fim do ano, mas não os deixaram no ano passado. E acho que é uma coisa importante. O nome da carta é “Não acredito na escola” e por esta carta representar não só o meu pensamento mas também as minhas emoções, aqui eu leio e espero que em algum lugar toque os seus corações.

Ela dá uma pequena pausa, e com uma voz bastante emocionada começa a ler a carta:

– “Eu não acredito na escola!

– Hoje em dia a educação está proibida, muito pouco do que se passa em nossa escola é verdadeiramente importante. E as coisas que importam não se escrevem em nenhum caderno nem em nenhuma pasta. Como nos encontrarmos com a vida? Como enfrentar as dificuldades? Não sabemos. Falam muito de educação, progresso, democracia, liberdade e um mundo melhor...mas nada disso acontece nas aulas.

– Nos ensinam a estar longe uns dos outros e a competir por coisas que não tem valor. Pais e professores não nos escutam. Não nos perguntam nunca que o que opinamos. Não tem ideia do que sentimos, do que pensamos e do que queremos fazer. Não seria maravilhoso se pudéssemos escolher diariamente ir à escola? Que seja nossa escolha, não dos nossos pais. Que a escola seja um lugar lindo, onde se possa desfrutar, onde se possa brincar, onde se possa ser livre, onde se possa escolher o que aprender e como aprender.

– Ensinem-nos que as coisas podem ser diferentes. Esse é o exemplo que têm de dar-nos. Suas expectativas são suas, não nossas. E enquanto continuarem tendo-as, vamos continuar falhando. Por tudo isso, dizemos basta! Chega de decidir por nós, chega de nos qualificar, chega de nos impor. Nem as ciências, nem as provas, nem os diplomas nos definem.

– Estamos aqui para isso, para falar, para compartilhar nossas ideias. Aprender que as coisas podem mudar. Nós vamos decidir o que queremos ser, fazer, sentir ou pensar. Acreditamos que a educação está proibida. Não por culpa das famílias, não por culpa das crianças, não por culpa dos docentes.

– Todos proibimos a educação cada vez que você escolhe olhar para o outro lado, em vez de escutar. Cada vez que escolhemos a meta, em lugar do trajeto. Cada vez que deixamos tudo igual, em lugar de tentar algo novo. Quer seja professor, quer seja aluno, quer seja pai, seja quem for, ajude-nos. A educação tem que avançar, tem que crescer e tem que mudar.”

Ao acabar de ler a carta Samantha recebeu um estrondo de palmas que ecoou por toda escola e os estudantes animados começam a pular de alegria, alguns fogos de artifício são soltos para comemorar aquele primeiro ato de reivindicações que daria o tom do dia.

Quando ela desceu do palanque um outro menino subiu e eu ainda me perguntava quais seriam as próximas reivindicações, aquele discurso anterior fora bastante intenso, o que mais estaria por vir?

Novamente de posse do megafone o líder estudantil que ali havia se pronunciado agora anuncia:

– Bom agora é a hora camaradas, quem nunca teve problemas? Hoje podemos finalmente dar voz às nossas inquietações, a tudo aquilo que precisamos desabafar ou que precisamos simplesmente questionar e para tanto eu lanço a chamada do protesto. Agora quem quiser venha até o centro, suba e eleve o seu protesto a escola, aos professores, aos diretores e aos outros alunos. Diga aquilo que precisa ser dito, doa a quem doer.

Uma garota ligeiramente ansiosa se esgueirou pelo palanque e logo começou a dizer:

– Gostaria que todos me ouvissem atentamente, pois o que eu quero protestar diz respeito a todos e em um nível ou em outro, quero protestar contra rigidez e contra imposição. Não quero mais ter que engolir passivamente tudo o que a escola prega e manda, e nem quero mais aceitar esse clima de competição que nos rodeia. Por que nós devemos ser avaliados pelas nossas notas?

– Na nossa sociedade ninguém faz as mesmas coisas, por exemplo, temos médicos, pintores, professores, políticos, cozinheiros, jardineiros... Por que na escola precisamos então aprender todos as mesmas coisas e saber essas coisas igualmente bem? Não vejo sentido nisso! É uma grande perda de tempo e de prazer.

– Estou absolutamente exausta! Não aguento mais! É um martírio vir a escola todos os dias e ter que aguentar certas aulas que não fazem o menor sentido pra mim e que não dizem nada sobre a minha realidade e nem sobre os meus desejos e interesses pessoais. Por que não posso ter nem um pouco de autonomia no que diz respeito ao que eu aprendo e ao que me interessa? Por que certas matérias são mais valorizadas do que outras? Por que algumas das matérias têm uma carga horária maior do que outras? Por que eu tenho que aprender tanta matemática?

No que ela desce uma fila imensa de alunos já estão posicionados esperando a sua vez de falar, o próximo sobe e continua:

– Estou cansado também das aulas, como são dadas e do atraso da escola. Normalmente as aulas são cansativas, os professores ensinam e nós temos que aprender. Quando não aprendemos o que esperam de nós, nós é que ficamos frustrados e somos nós que somos vistos como tendo algo de errado. Por que o problema está em nós? Não fomos nós quem decidimos o que iríamos aprender, nem decidimos que gostaríamos de ser avaliados por isso e nem de que maneira essa avaliação seria feita.

– Por que temos de aprender passivamente? Por que o problema não é visto como a maneira como os professores estão dando as aulas? Por que ficar sempre no quadro negro, copiando o que vocês nos mandam? Hoje já temos celulares que tiram fotos instantâneas e com elas poderíamos economizar um tempo enorme de copiar o que vocês nos mandam e nos liberar para outras coisas.

– Por que não reinventar a maneira como vocês dão as aulas e parar de achar que quando um resultado é insatisfatório a culpa é sempre dos alunos? Por que não pensar ao menos uma vez que a responsabilidade possa ser um reflexo da aula que vocês mesmos dão. Por que não nos perguntam nunca se estamos gostando das matérias, se estamos gostando da maneira como elas estão sendo dadas? Simples, é mais fácil não nos perguntar e ignorar o que nós sentimos.

– Os nossos sentimentos não têm importância para vocês!

Dizendo isso se retirou e o próximo aluno que tomou o seu lugar apenas subiu e deu grito ensurdecedor no megafone e disse:

– Eu só queria mostrar o que eu senti diversas vezes dentro de mim na escola e nunca pude perante uma educação que rouba a minha liberdade, a minha espontaneidade e o meu poder individual.

Enquanto descia tirou a blusa do uniforme que vestia e a atirou no cesto de lixo incandescente pelas chamas que começavam a consumir o seu símbolo de aluno.

Mais de 30 estudantes ainda esperavam na fila quando tocou o sinal que normalmente marca o retorno para as salas de aulas. Assim que o alarme fora soado, como que num passe de mágica, os estudantes do segundo ano voltaram e retiraram as mesas e cadeiras utilizadas como barricadas das portas das salas de aula.

O líder apagou o fogo no latão com extintor de incêndio e os 30 estudantes na fila para falar levantaram placas com letras que lidas em conjunto diziam: Flashmob: Educação Proibida!!!

Enquanto os bedéis eram liberados das algemas e abraçavam os alunos, o diretor da escola se dirigiu até a sua mesa não tão usurpada quanto pensávamos. O diretor Rubem Alves explicou com o auxílio do autofalante que aquele havia sido um Flash Mob autorizado por ele, quando solicitado pelos alunos e continuou discursando:

– Eu sou um educador. Um educador é uma pessoa que ama as crianças. Mas não basta amar as crianças, ele tem de ter vontade de ensinar o mundo às crianças, primeiro porque o mundo é muito divertido e as crianças ficarão alegres de aprender o mundo.

– Segundo porque é preciso aprender o mundo pra gente viver, pra gente fazer as coisas. Eu sou um educador e eu tenho um jeito meu de ensinar, e o meu jeito de ensinar é contando histórias, eu sou um contador de histórias.

– Um amigo meu chamado Paul Lipnizky tinha algumas ideias que batem bastante com esse Flash Mob, tem uma frase em particular que eu me lembrei dele repetindo: “Todo mundo fala sobre a paz, mas ninguém educa para a paz. Pessoas são treinadas para a competição, e a competição é o começo de uma guerra.”

– Como poderia ser a nossa escola se nós acatássemos a carta que hoje foi lida? E se nós dêssemos espaço para que os estudantes tivessem mais autonomia e mais consciência do seu próprio poder de decisão?

– Quero contar uma história pra vocês sobre quando fui à escola da ponte em Portugal:

– Tudo começou em 2000, via internet! Comecei a receber e-mails de um desconhecido de Portugal, Ademar Ferreira dos Santos. Uma brasileira lhe havia dado um livrinho meu, Estórias de Quem Gosta de Ensinar. Ele gostou. Sem nos conhecermos pessoalmente, nos descobrimos amigos. Ele me convidou para ir a Portugal e falar aos professores da Universidade de Braga e adolescentes de uma escola secundária.

– Fui e fiz. Foi bom. Aí, numa manhã, ele me disse: "Vou levar-te a conhecer uma escola diferente." "Diferente como?", perguntei. "Não é possível dizer-te. Tu verás." Chegamos à escola. Na sua frente havia um pátio arborizado. Lá estava o diretor, professor

José Pacheco. Mais tarde, aprendi que ele se recusa a ser chamado de diretor, por razões que explicarei mais tarde.

– Minha expectativa era que o diretor, por um mínimo dever de cortesia, haveria de levar-me a conhecer a escola. Homem de poucas palavras, trocamos meia dúzia de banalidades. Vinha passando à nossa frente uma menina de uns 9 anos. Ele a chamou e disse: "Tu podes mostrar e explicar a nossa escola ao nosso visitante?" "Pois, pois", respondeu a menina, sem mostrar nenhuma surpresa. Ato contínuo, ele me abandonou e fiquei eu à mercê da menina.

– Eu nunca tinha tido experiência semelhante e nunca imaginei que fosse possível que um diretor entregasse a uma aluna, menina de 9 anos, a tarefa de mostrar e explicar a sua escola a um educador estrangeiro.

– A menina não se fez de rogada. Encaminhou-se resolutamente na direção da porta da escola e eu, obedientemente, a segui. Chegando à porta, ela parou, voltou-se para mim e disse em voz resoluta e confiante: "Para entender a nossa escola, o senhor terá de se esquecer de tudo o que o senhor sabe sobre escolas. Não temos turmas, não temos alunos separados por classes, nossos professores não dão aulas com giz e lousa, não temos campainhas separando o tempo, não temos provas e notas."

– Foi o segundo susto. As palavras da menina produziram um vazio na minha cabeça. Porque as escolas que conheço, mesmo as mais experimentais e avançadas, têm professores dando aulas, têm turmas, têm salas de aula que separam as crianças, têm provas e testes, têm notas e boletins para o controle dos pais.

– Perguntei: "E como é que vocês aprendem?" Ela me respondeu: "Formamos um pequeno grupo de seis pessoas em torno de um tema de interesse comum. Convidamos um professor para ser nosso assessor. Ele nos ajuda com informações bibliográficas e de internet. Estabelecemos, de comum acordo, um programa de trabalho de duas semanas. Durante esse tempo, lemos e pesquisamos. Ao cabo de duas semanas, nos reunimos para avaliar o que aprendemos e o que deixamos de aprender."

– Percebi logo que naquela escola não podia haver livros-texto. Livros-texto são onde se encontram os saberes que, por escolha e determinação de uma instância burocrática superior, devem ser aprendidos pelos alunos. O conjunto desses saberes se denomina "programa". Mas acontece que a curiosidade não segue os caminhos determinados pela burocracia.

– Sem livros-texto, as crianças têm de aprender a procurar os saberes necessários à compreensão do "tema de interesse comum". E os professores deixam de ser aqueles que

sabem os saberes prescritos pelos programas. Eles se encontram permanentemente em suspenso ante o inesperado dos interesses das crianças. Os professores não são aqueles que sabem os saberes. São aqueles que sabem encontrar caminhos para os saberes. De qualquer forma, os saberes já se encontram em livros, bibliotecas, enciclopédias, internet. Acresce-se a isso o fato de que os saberes se tornam rapidamente obsoletos.

– Se os alunos tiverem os mapas e souberem encontrar o caminho, eles terão sempre condições de descobrir o que sua curiosidade pede. E os professores, por não saberem de antemão o que as crianças querem saber, têm de se tornar aprendizes junto às crianças. O tal "programa de trabalho de duas semanas", de que falou a menina, era para os professores também. Eles ensinam o aprender aprendendo junto. O que é muito mais divertido do que ficar, todos os anos, repetindo os mesmos saberes imobilizados pelos programas. Ficar a repetir o que se sabe, ano após ano, é, sem dúvida, uma prática emburrecedora.

– A menina continuou a me guiar. Chegamos a uma mesa onde estava trabalhando uma aluna com síndrome de Down. Vi a garota e pensei sobre sua convivência com os seus colegas. Senti que sua presença ali era algo normal e feliz na rede de relação de solidariedade e de aprendizado que constitui a escola. Aquela menina era parte dessa rede. Com algumas peculiaridades e limitações, como todos os outros, ela se dedicava a aprender.

– Se me perguntarem se ela conseguia seguir o programa, eu responderia dizendo que não há um programa a ser seguido numa ordem certa e num mesmo ritmo. Cada criança é única, com seus próprios sonhos, ritmos e interesses. A escola não pode destruir essa criança para moldá-la a uma “forma”.

– O objetivo da escola é criar um espaço em que cada criança possa pensar os seus sonhos e realizar aquilo que lhe é possível, no ritmo que lhe é possível. Pensei que, nas escolas da minha memória, é comum que a preocupação dominante dos professores seja dar o programa. É isso que a administração pede deles. Não é incomum que professores, em conversas, falem em que lugar da “corrida” dos programas eles se encontram. É compreensível. Como partes da máquina burocrática, eles perderam a liberdade e se esqueceram dos sonhos antigos.

– A educação não tem como objetivo preparar os alunos para ingressar no mercado de trabalho. O objetivo é criar as condições possíveis para a experiência da alegria. Porque é para isso que vivemos. A escola deve ser um espaço em que isso acontece. Parte das potencialidades daquela menininha tem a ver com saber viver no mundo dos ditos “normais”. E parte das potencialidades das crianças ditas "normais" tem a ver com saber conviver com

crianças diferentes - e ajudá-las. Isso também é alegria. Esse aprendizado de solidariedade é mais importante do que qualquer conteúdo de programa.

– Pensei: o que são programas? Programas são uma organização lógica de saberes dispostos numa ordem linear e que devem ser aprendidos numa velocidade igual, como se todos estivessem numa linha de montagem de uma fábrica.

– Sobre que pressupostos se constroem os programas? Bem, o primeiro costuma ser mais ou menos assim: “A aprendizagem se dá numa relação entre o saber, abstratamente definido, e a inteligência da criança. A mediação entre saberes e inteligência se dá pela didática. Se a aprendizagem não acontece, o problema se encontra ou na inteligência deficiente da criança ou numa didática inadequada.”

– Um segundo pressuposto prega que “todas as crianças são iguais”. É só isso o que justifica que os mesmos saberes sejam dados a todas as crianças. Mas isso é patentemente falso. Os sonhos das crianças das praias de Alagoas, das montanhas de Minas Gerais, da Amazônia, das favelas, dos condomínios ricos não são os mesmos. Então, qual é o sentido instrumental dos saberes abstratos igualmente prescritos a todas as crianças pelos programas? Não admira que sejam logo esquecidos. Só realmente aprendemos aquilo que usamos.

– “Todas as crianças têm o mesmo ritmo. Por isso as crianças têm de aprender no ritmo em que as aulas são dadas.” Ah, o ritmo das aulas. Toca a campainha, é hora de pensar português. Toca a campainha, é hora de parar de pensar português e começar a pensar matemática. Toca a campainha, é hora de parar de pensar matemática e começar a pensar geografia. E assim por diante. O ritmo e a fragmentação das aulas estão em completo desacordo com tudo o que sabemos sobre o processo de pensamento. Não é possível dar ordens ao pensamento para que ele pare de pensar numa coisa numa certa hora e comece a pensar em outra.

– Mas há ainda um quarto pressuposto: “A avaliação da aprendizagem se faz por meio de provas e testes e os seus resultados são expressos em números.” Confesso ainda não ter compreendido a função pedagógica desse procedimento. Sobre isso há muito a ser escrito.

– Na Escola da Ponte não há programas. Isso não quer dizer que a aprendizagem aconteça ao sabor dos desejos das crianças. Imagine um homem do campo, que só conheça as comidas mais simples: polenta, feijão, abobrinha, picadinho de carne. Imagine que ele venha à cidade e seja levado por um amigo a um restaurante. “Que é que o senhor deseja?”, lhe perguntaria o garçom. Ele certamente responderia falando de polenta, feijão, abobrinha,

picadinho de carne, pois esse é o seu repertório de pratos. Aí, o amigo lhe diria: “Quero sugerir que você experimente uns pratos diferentes.”

– Assim acontece na relação entre professores e alunos. Os professores sabem mais. É por isso que são professores. E uma de suas tarefas é “seduzir” as crianças para coisas que elas ainda não experimentaram. Eles lhes apontam coisas que nunca viram e as introduzem num mundo desconhecido de arte, literatura, música, natureza, lugares, história, costumes, ciências, matemática. “A primeira tarefa da educação é ensinar a ver”, dizia o filósofo Nietzsche. Não é obrigatório que elas gostem do que veem. Mas é importante que seus horizontes se alarguem.

– Bom, com isso concluo esse auspicioso flash mob: Intitulado: Educação proibida e os convido para durante o restante do dia que estará livre de aulas para que todos da escola repensemos o que nos é natural e pensemos o que se encaixaria em nosso contexto. O que podemos fazer diferente? Que experiências gostaríamos de fazer na nossa escola? O que gostaríamos de alcançar? Que todos possamos passar o restante do dia sonhando um pouco com o que gostaríamos e que talvez possamos realizar de agora em diante.

Uma onda atravessa meu corpo e eu sou despertado das experiências que me eram transmitidas, já não estou mais naquele flash mob.

Abro meus olhos, e olho ao redor.

Todos me olham com um sentimento de acolhimento, e me vejo com um pequeno ser ao redor dos meus braços que há poucos segundos viera ao mundo mas que já tinha muito o que dizer, já dera o seu grito de nascimento.

A Rainha de espadas está ali presente, observando a conclusão daquele parto inusitado. Mais uma monografia nascia e era recebida naquele momento, entre gestantes e orientadora.

Feliz começo um discurso agradecido e penso que talvez seja a hora de escrever uma pequena carta a este ser que acaba de nascer.

8 EPÍLOGO: “UMA CARTA À MINHA MONOGRAFIA”

Gostaria de deixar explícito que a maneira como você foi gerada pode ter seguido uma via muito diferente do tradicional dentro deste nosso meio antropológico, mas o que posso fazer se o texto que realmente me instigou e criou o interesse em conhecer mais e me apaixonar sobre antropologia não fora outro senão “O ritual do corpo entre os Sonacirema” de Horace Miner?

Minha intenção contigo é abrir o espaço para reflexão, e perguntar aos alunos, aos professores e demais integrantes das escolas, se o incômodo que estes mesmo sentem e que se refletem nos comportamentos vistos, não podem ser repensados e questionados. O que vocês alunos podem fazer para ter mais prazer com relação à sua rotina escolar? O que vocês professores, diretores e assistentes das escolas podem fazer de diferente?

Minha monografia, o seu papel é o de instigar essas perguntas, essas reflexões.

Por exemplo, se pudéssemos experimentar uma autonomia crescente das crianças e adolescentes em relação ao seu próprio processo de aprendizagem no Brasil o que poderíamos ganhar com isso?

Experiências como os flash mobs introduzidos por Mariana Letti, a “professora estrela” de sociologia no Cean com certeza tem algo a nos ensinar sobre isso.

Sem mais delongas, espero que você possa instigar, incentivar, e estimular essas reflexões.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

ARROYO, Miguel. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. In: SOARES, Leôncio. (Org.). *Formação de educadores de jovens e adultos* – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LETTI, Mariana Marlière. Deseducadores: Mudando a rotina escolar com Mobilizações - relâmpago. *Revista de Estudos Sobre a Educação Pública*, Brasília, v.1, n.1, ago. 2013.

COUTO, Gustavo Belisário D'Araújo. *A Rua é Pública! A Boca é Nossa!*: Uma etnografia com crianças na estrutural – DF. Monografia de conclusão de curso de Ciência Política – UnB, 2013

COHN, Clarice. Os processos próprios de ensino e aprendizagem e a escola indígena. *Cadernos de educação escolar indígena - 3º grau indígena*. Barra do Bugres: UNEMAT, v. 3, n. 1, 2004.

COHN, Clarice. Educação escolar indígena: para uma discussão de cultura, criança e cidadania ativa. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 23, n. 02, p. 485-515, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectiva.html>>

FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Rio de Janeiro: Ed. Fator. Coleção: Outra Gente, vol. 1, 1983.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso: Pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, jan./fev./mar./abr. 1999, n. 10.

MILLS, C.W. *Imaginação sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1965.

MINER, Horace. Ritual do corpo entre os Sonacirema. In: *American Anthropologist*, vol. 58, 1956, pp. 503 – 507.

ORWELL, George. A revolução dos bichos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PIRES, Flávia. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2007, v. 50, n. 1.

SEFFNER, Fernando. Um bocado de sexo, Pouco Giz, Quase nada de apagador e muitas provas: Cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 19(2): 336, maio-agosto/2011

WENETZ, Ileana. Das escolhas que fiz: implicações etnográficas na pesquisa com crianças. *Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 133-149, maio/ago. 2011.

WILLIS, Paul. *Aprendendo a ser trabalhador: Escola, Resistência e Reprodução social*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda, 1991

Bibliografia audiovisual:

ALVES, Rubens. *Quatro pilares da educação*. Atta Mídia e Educação, 2013. Disponível em:

1° Aprendendo a Aprender: https://www.youtube.com/watch?v=GW1jpH_lfFg

2° Aprendendo a Fazer: <https://www.youtube.com/watch?v=tSHxcN22Rng>

3° Aprendendo a Conviver: https://www.youtube.com/watch?v=7WmvPBLUw_A

4° Aprendendo a Ser: <https://www.youtube.com/watch?v=xpNUWh1TI2s>

DOIN, German. *A Educação Proibida*. Argentina: 145 min., 2012. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=AeubY7iqQ2U>>